



Viveiros

Manequinho Lopes | Harry Blossfeld | Arthur Etzel

Viveiros

Manequinho Lopes | Harry Blossfeld | Arthur Etzel



DEPAVE-2
Divisão Técnica de
Produção e Arborização



Prefeitura de São Paulo
Secretaria do Verde e do Meio Ambiente

Índice

Viveiro Manequinho Lopes **6**

Viveiro Harry Blossfeld **18**

Viveiro Arthur Etzel..... **27**

Viveiro Manequinho Lopes



Como será que surgiram os parques, os jardins e as árvores que encontramos na cidade? Você já se perguntou como aquela árvore que está em frente à sua casa, à sua escola, foi parar ali? Trabalho árduo de pessoas que tinham amor pelo verde e queriam ver nossa cidade mais embelezada.

História

Para começar nossa história, vamos voltar ao ano de 1798. A cidade de São Paulo era muito diferente da que conhecemos hoje. As pessoas nadavam nos rios, não existiam estes arranha-céus imensos que cortam o céu da metrópole. Naquele ano foi inaugurado o primeiro Jardim Público da cidade, onde hoje é o Parque da Luz. O jardim passou por vários melhoramentos no decorrer dos anos e em 1899 ganhou um administrador, o senhor Antonio Etzel. Naquele ano também a cidade teve como prefeito Antônio Prado, homem muito viajado pela Europa, que conheceu belos jardins e áreas verdes que existiam no Velho Continente e assim, como prefeito, começou a arborizar a cidade. Ele introduziu na cidade o chamado plano americano de ajardinamento, com amplos gramados e ruas direcionais para facilitar o lazer e o trânsito de pedestres. Naquela época, pisar na grama era proibido, e quem fosse flagrado neste ato ilegal era multado. Para dar mais verde à nossa cidade era necessário produzir mudas de árvores e arbustos para plantio em praças e jardins. Existiam dois viveiros para produção de mudas: um pequeno, no Jardim Público (Luz) e um viveiro maior, na região da Água Branca. Em 1916, durante o governo de Washington Luis, a prefeitura comprou um grande terreno, situado na Vila Clementino, local onde seria futuramente implantado o Parque Ibirapuera. Naquela área pantanosa havia aldeias indígenas no início da colonização e, após o povoamento, o

local passou a ser pastagem para as boiadas que vinham do interior, destinadas ao Matadouro Municipal (atual Cinemateca).

Apenas em 1927 o prefeito Pires do Rio apontou a necessidade de incrementar o número de áreas verdes na cidade, “úteis à higiene da população urbana”. A cidade foi crescendo e era preciso ter um viveiro maior para arborizá-la. Assim, o viveiro que estava na Água Branca foi transferido para o terreno da Vila Clementino, em 1928. A implantação do viveiro no Ibirapuera proporcionou a formação de muitas árvores para embelezar a cidade, além de arbustos, azaléias, vasos de flores para canteiros e estufa (a antiga estufa quente do viveiro do Jardim Público da Luz foi transferida para o novo viveiro).

Nesse momento de nossa história entra em cena um personagem importante: o senhor Manoel Lopes de Oliveira Filho, nomeado diretor da recém-criada Divisão de Matas, Parques e Jardins, na administração do prefeito Fábio da Silva Prado. Grande conhecedor da área do Ibirapuera, teve a ideia de implantar o viveiro, evitando que o terreno fosse invadido e que a prefeitura perdesse o local, contando com a ajuda de Arthur Etzel chefe da Subdivisão de Parques e Jardins e do chefe viveirista Erwin Burckhardt. O terreno era muito pantanoso e para resolver este problema o senhor

Manoel, que tinha o apelido de Manequinho Lopes, plantou muitos eucaliptos australianos no local para a eliminação do excesso de umidade do solo. Depois deu início ao plantio de espécies destinadas ao embelezamento das ruas, parques e jardins: árvores nativas e árvores exóticas como pau-ferro, ipê, pau-brasil, pau-jacaré, tipuana, flamboyant, sibipiruna, bem como o cultivo de arbustos, trepadeiras e flores.

“ *Ele fazia tudo com o coração, tanto que ia trabalhar até aos domingos, sempre de guarda-chuva, que usava para cutucar a terra dos jardins da cidade para ver se estava bem tratada.* ”

(Francisca Lopes de Oliveira Martines em entrevista ao jornal Pedaco da Vila – março/03)

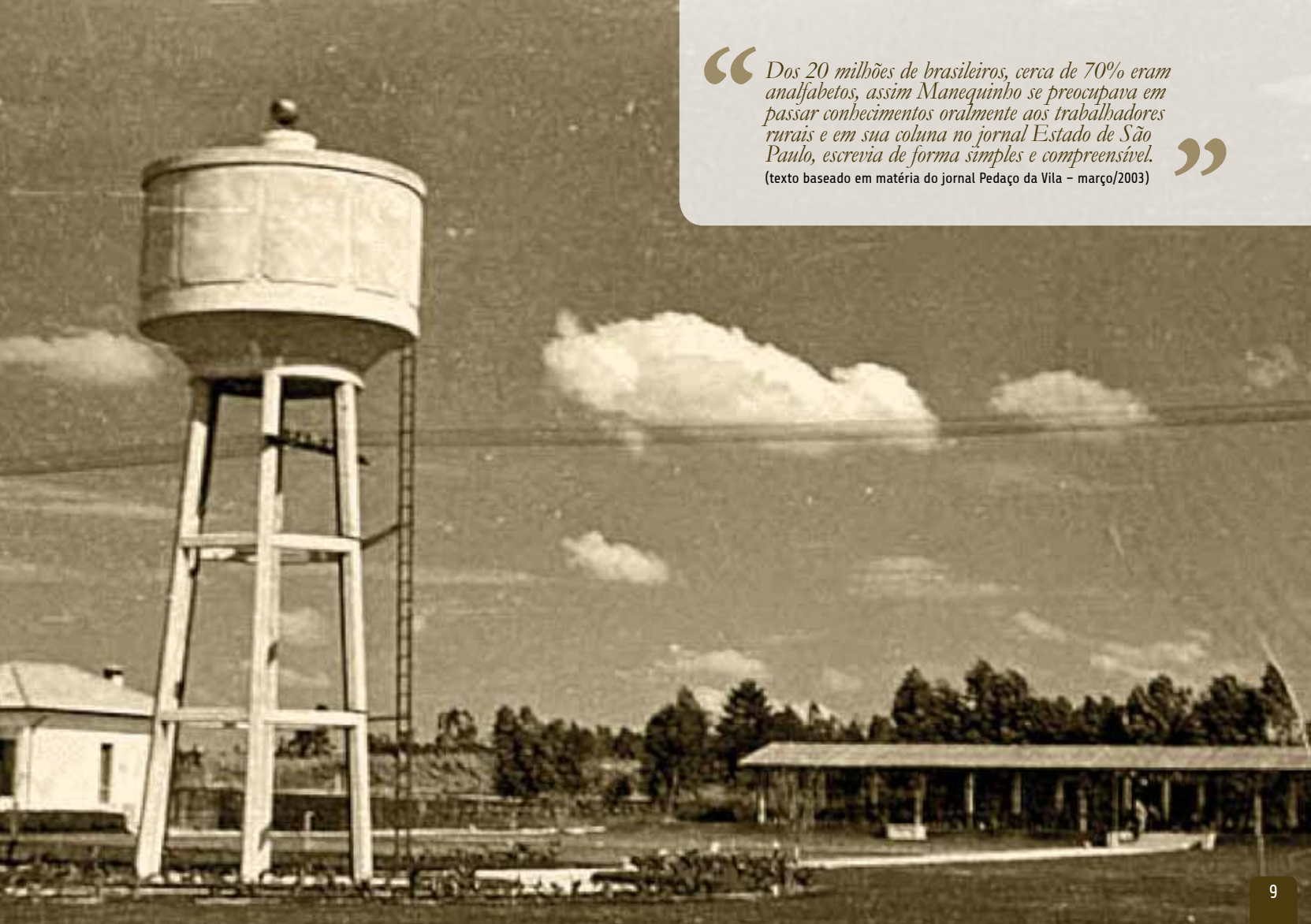
Em 1933, os responsáveis pelo projeto do futuro Parque Ibirapuera pediram ao prefeito Fábio Prado a retirada do viveiro. Manequinho Lopes ficou indignado e pediu ao prefeito para que fosse criado um viveiro definitivo para a cidade. Felizmente a ideia de remoção do viveiro não foi adiante e Manequinho pôde continuar seu importante trabalho.

Segundo reportagem do jornal O Estado de São Paulo, de 1936, o Viveiro Manequinho Lopes era considerado o maior e mais variado da América do Sul. Neste mesmo ano, o prefeito resolveu incentivar o plantio de árvores na cidade e neste

período as mudas eram fornecidas gratuitamente às pessoas interessadas. O amor ao verde era tanto que Manequinho e sua equipe chegavam a fazer jardins gratuitamente em casas e prédios. Em 1938, Manequinho ficou doente e faleceu. Para homenageá-lo, o prefeito, pelo ato nº. 1372, de 14 de março de 1938, deu o nome de Viveiro Manequinho Lopes para o viveiro municipal. Arthur Etzel, filho de Antonio Etzel (administrador do Jardim Público-Luz), se tornou o novo chefe do Viveiro e trabalhou no Ibirapuera em diferentes funções por mais de 50 anos.

Durante as décadas de 1940, 50 e 60, o Viveiro Manequinho Lopes tinha como função abastecer os jardins da cidade, promover a manutenção e o plantio de novas árvores. Nos anos 60 a cidade crescia muito e foi preciso criar outro viveiro, que foi implantado em Carapicuíba - e mais tarde, transferido para Cotia (Viveiro Harry Blossfeld) - além de treinar novas equipes para o trabalho com o verde nas Administrações Regionais. Em 1987 foi implantado o Viveiro Arthur Etzel, localizado no Parque do Carmo, bairro de Itaquera, onde são produzidos arbustos e herbáceas. Com a crescente preocupação com o meio ambiente e com a necessidade de aumentar as áreas verdes na cidade de São Paulo, em 18 de outubro de 1993 foi criada a Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente.

O Viveiro Manequinho Lopes foi restaurado em 1993. Burle Marx fez um novo projeto para o viveiro valorizando o verde, inclusive as belas árvores. O viveiro, revitalizado, foi entregue à população no dia 24 de março de 1994.



“ Dos 20 milhões de brasileiros, cerca de 70% eram analfabetos, assim Manequinho se preocupava em passar conhecimentos oralmente aos trabalhadores rurais e em sua coluna no jornal Estado de São Paulo, escrevia de forma simples e compreensível. ”
(texto baseado em matéria do jornal Pedaco da Vila – março/2003)

O Viveiro Manequinho Lopes

Em seus 48.000m² anexos ao Parque Ibirapuera, o viveiro possui coleções vivas de espécies vegetais com um rico acervo à disposição dos visitantes, estando equipado com 10 estufas (casas de vegetação), 97 estufins (canteiros suspensos), 3 telados (estruturas cobertas com tela de sombreamento) e 39 quadras entre quadras de matrizes e de estoque de mudas envasadas, prontas para o fornecimento aos órgãos públicos municipais.

Na produção de mudas de espécies ornamentais herbáceas e arbustivas são priorizadas aquelas mais adaptadas ao ambiente urbano. Nesta área são cultivadas cerca de 200 espécies diferentes de plantas com potencial paisagístico. Para conhecer nossas espécies basta acessar o site:

www.prefeitura.sp.gov.br/viveiros

Com o objetivo de ornamentar a área do viveiro, vem sendo realizado um trabalho de transformação de parte das áreas destinadas às matrizes em jardins a fim de melhorar o paisagismo local especialmente no entorno das edificações.

Os solos do viveiro têm merecido especial atenção por parte dos técnicos no sentido de sua conservação. Reforma de quadras vem sendo feita visando a melhoria das condições físico-químicas dos solos por meio da correção da acidez, incorporação de matéria orgânica e rotação de culturas.

Recentemente iniciou-se uma coleção de espécies de diferentes biomas: Cerrado, Caatinga e Mata atlântica; além da implantação de um horto de plantas medicinais na área de visitação do viveiro.

Os técnicos do viveiro também prestam assistência técnica ao público dando orientações para projetos paisagísticos na cidade de São Paulo.

O Viveiro Manequinho Lopes é registrado no Ministério da Agricultura como viveiro produtor de mudas.



JARDIM LABIRINTO

Forma lúdica de manter uma área de matriz com a interação do público visitante.



JARDIM CERRADO

Área experimental para produção de mudas de espécies do cerrado para a implantação do Parque Alfred Ústeri.



JARDIM RUPESTRE

Área de visitação com espécies de regiões desérticas, inclusive da caatinga.



HORTO DE PLANTAS MEDICINAIS

Espécies selecionadas visando a pesquisa científica para medicina alternativa.



ESTUFA MATA ATLÂNTICA

Estufa usada para produção no final do século XIX e restaurada em dezembro de 2009. Possui um acervo de espécies da Mata Atlântica.



JARDIM DAS TREPadeiras

Área de visitação e produção de plantas trepadeiras.



Hemerocallis
(*Hemerocallis flava*)
origem: Europa e Ásia

Viveiro Harry Blossfeld

Com o início da Segunda Guerra Mundial, muitos europeus decidem por buscar uma vida mais tranquila em outros territórios, longe dos conflitos. Assim, Harry Blossfeld e sua família chegam ao Brasil, com a esperança de uma vida mais segura e feliz. Harry, já formado em botânica e com uma herança de família nesta área, constitui uma empresa de importação e exportação de orquídeas, juntamente com sua esposa Anita. Dá-se início uma história de amor e dedicação à botânica, que resultou em descobertas de novas espécies, livros e na implantação de um viveiro na cidade de Cotia.

História



Harry Blossfeld nasceu no dia 27 de fevereiro de 1913, em Postdam, na Alemanha, durante a Primeira Guerra Mundial. Teve uma infância difícil, passou fome, contraiu infecção pulmonar com apenas 7 anos, que se constituiu em um tipo de tuberculose conhecida por disseminação pulmonar. A doença ficou encapsulada, aparentemente não parecia doente, entretanto anos depois a doença iria se manifestar novamente.

A família Blossfeld é originária de Thuringen, Alemanha, conhecida por ter um renomado centro de estudos e práticas de botânica e cultura de plantas. Os ancestrais de Harry foram em sua maioria cultivadores e seu avô Karl Blossfeld fundou um viveiro em Kolleda. Karl tinha dois filhos, cultivadores de plantas, e três filhas, treinadas em floricultura. Seu pai, Robert Blossfeld, estabeleceu-se em Potsdam, perto de Berlim, onde em 1913 constituiu uma firma de importação e exportação de plantas e sementes, que atingiu nível internacional.

Harry herdou seu interesse pela botânica principalmente do avô materno, esforçado cultivador e parente de Andreas Voss, autor de diversas enciclopédias botânicas e obras sobre cultivo de plantas. Estudou botânica na Universidade de Berlim onde se especializou em orquídeas e cactáceas. Após a universidade, ingressou como aprendiz no viveiro do Parque Sanssouci de Potsdam. Fez um curso de um ano no Viveiro Hahn de cactos, tendo depois participado de

curso na Escola de Cultivo de Berlim-Lichterfelde, na conclusão do qual recebeu o diploma de cultivador e foi condecorado como o estudioso primeiro colocado do ano, com o “Prêmio Beckmann.”

Hitler depõe o governo democrático da Alemanha e como os estudantes promoviam muitas manifestações de protesto, o novo governo começou a aplicar medidas de repressão. Assim, viajar para o exterior tornou-se inevitável, tanto que em 1935, Harry embarca para Buenos Aires. Durante a viagem aperfeiçoa seus conhecimentos de espanhol. Um senhor, que trabalhou como coletor de plantas de seu pai o guiou pelas ricas áreas de cactos na Argentina. Adquiriram um caminhão Ford de segunda mão e deram início à primeira expedição de Harry. Percorreram as províncias de Córdoba, San Luis, San Rioja, Catamarca, San Juan, Salta, Los Andes e Jujuy (norte e noroeste da Argentina). Harry registrou cerca de 100 supostas novas espécies de cactáceas e foram coletadas também outras plantas, como bromeliáceas, orquídeas e amarílis.

A segunda expedição começou em janeiro de 1936, coletando sementes de cactáceas que enviou para a firma paterna, que as distribuiu pela Europa. A expedição incluiu: Bolívia, Peru, Equador e Colômbia. Em sua terceira viagem, percorreu o nordeste da Argentina, noroeste do Uruguai e sul do Brasil, durante um mês.

Com a iminência da Segunda Guerra, Harry decide ficar por aqui. Dedicou-se a aprender português e estabeleceu no Tremembé um jardim botânico particular, fundando também um orquidário,

com o objetivo de importação e exportação. Surge o Orquidário Tremembé, em um terreno de 1.300 m² criado com a colaboração de Anita Blossfeld, com quem se casou em julho de 1937. Com o início da Segunda Guerra, as exportações foram interrompidas.



Livro “Jardinagem” de Harry Blossfeld

A terceira expedição acontece entre 1940 e 1941, cobrindo o Peru, Equador e Colômbia. Descobriu uma nova espécie de *Cattleya* (orquídea), que passou a chamar-se *Cattleya Blossfeldiana*. No fim da viagem, estando na Colômbia, este país promulga uma lei proibindo a exportação de orquídeas. Um lote que estava para o embarque foi confiscado e incinerado. Além disto, estava iminente a declaração de guerra pela Colômbia contra a Alemanha, podendo resultar sua

prisão em um campo de internamento. Assim ele volta depressa para o Brasil, via estado do Amazonas. Esta expedição durou 15 meses e dela Harry retornou enfermo, com tuberculose pulmonar. Seu estado se agravou, obrigando-o a ficar no leito por vários anos. Entretanto, durante este período escreveu seu livro “Jardinagem”, obra que foi adotada em várias universidades brasileiras no campo de arquitetura e paisagismo. Durante 20 anos colaborou na revista *Chácaras e Quintais* e nesta mesma revista editou um livreto de sua autoria – Bromélias e plantas epífitas.

No ano de 1941, Anita e Harry fundam o Círculo Paulista de Orquidófilos. A orquídea no Brasil era considerada parasita. As pessoas diziam que ela trazia azar. O casal conseguiu convencer as pessoas deste grupo de que isto era uma crença infundada e assim estes disseminaram a informação para mais pessoas.

Em 1964, tendo feito cirurgia e obtido a cura, Harry passa a trabalhar por vários anos na Prefeitura de São Paulo, efetuando o levantamento de áreas verdes e formando diversos viveiros na capital, com a colaboração de sua esposa. Entre os anos de 1963 e 1964 planejou o Viveiro de Cotia, considerado o maior viveiro do Brasil dedicado à conservação da vegetação natural. Também fundaram uma Escola de Jardinagem no Parque Ibirapuera, em 1969. Uma de suas grandes realizações com o auxílio de Anita foi a formação do Parque do Centro Campestre de Parelheiros, Santo Amaro, durante os anos de 1976 à 1978.

Em seu livro “Jardinagem” de 1965, Harry Blossfeld relata sobre a evolução da jardinagem pública no município de São Paulo:

“...Os jardins públicos foram atendidos por uma repartição municipal, de que eram distinguidos chefes os Srs. Arthur Etzél, o Sr. Manuel Lopes de Oliveira Filho (Manequinho Lopes) e o Sr. Arthur Etzél Filho, que imenso trabalho realizaram, para dotar a cidade de ajardinamentos públicos, acompanhando seu vertiginoso crescimento.

”

Por sua colaboração em artigos e descrições botânicas e envio de material botânico, Harry recebeu em 1979 da American Plant Life Society a Herbert Medal. Esta medalha é concedida uma vez por ano a uma só pessoa no mundo e destina-se a honrar o destinatário por relevantes conquistas no progresso do conhecimento de plantas de bulbos.

Harry Blossfeld integra a galeria dos botânicos e exploradores de orquídeas mais famosos que fizeram expedições pelo mundo, de acordo com a Fundação Schlechter, da Alemanha.

Plantas que portam o nome Blossfeld, descobertas por Harry e Anita:

- *Cattleya blossfeldiana* (orquídea)
- *Blossfeldia liliputana* (cactácea)
- *Tradescantia blossfeldiana* (planta de jardim)
- *Amaryllis blossfeldiana* (amarilidácea)
- *Kalanchoe blossfeldiana* (flor-da-fortuna)

Harry falece em São Paulo, no dia 7 de julho de 1986. Na primavera de 1999, recebeu uma homenagem póstuma do Movimento Defenda São Paulo, que o denominou “Combatente Pioneiro pela Qualidade de Vida em nossa Cidade”.



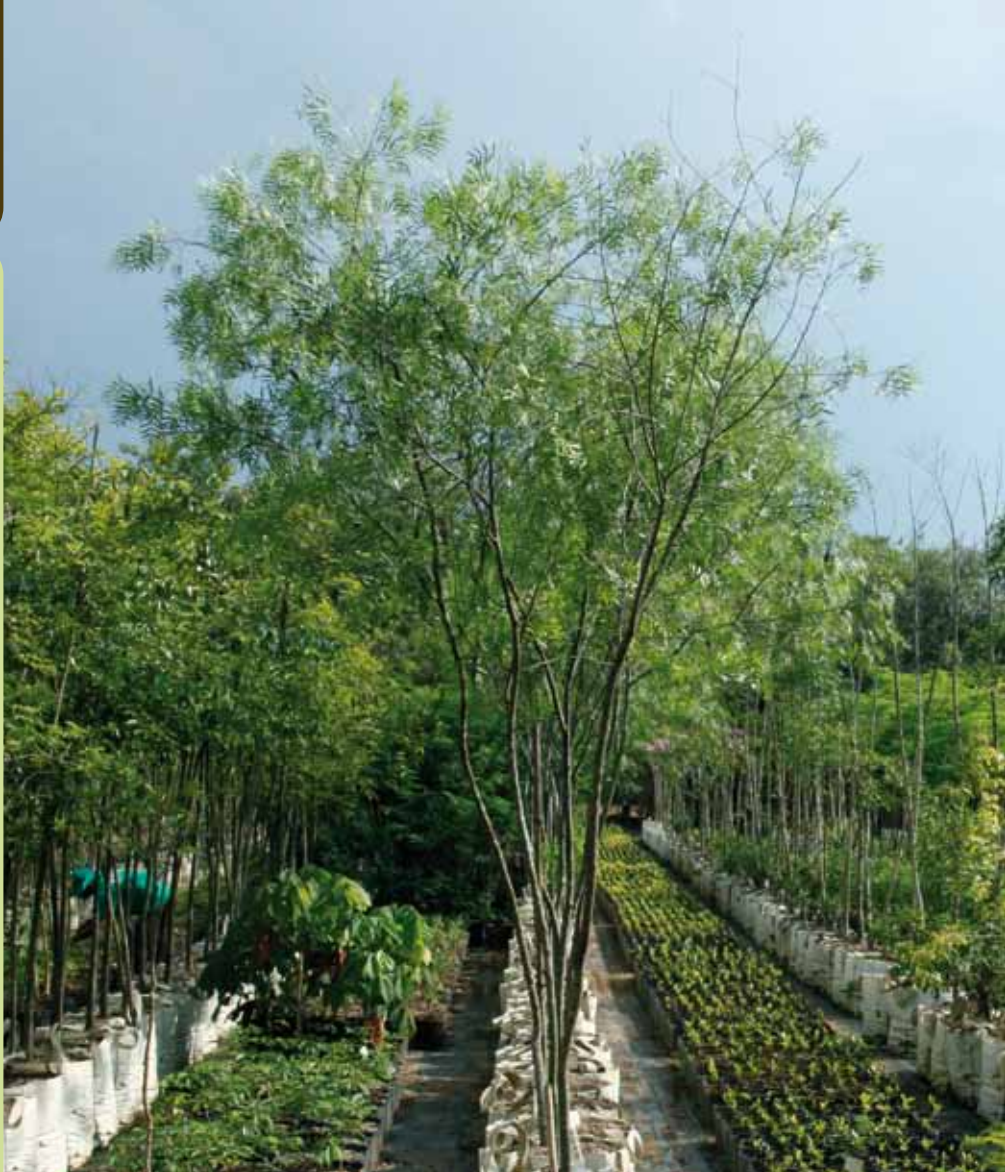
flor-da-fortuna (*Kalanchoe blossfeldiana*)

Viveiro Harry Blossfeld

O Viveiro Municipal Harry Blossfeld, anteriormente chamado Viveiro de Cotia, está localizado no município de Cotia e foi inaugurado em 2 de fevereiro de 1969. Visando prestar homenagem, em 10 de outubro de 2008, sob o decreto nº 50.103, a Prefeitura de São Paulo o denominou Viveiro Harry Blossfeld.

O viveiro abrange uma área de aproximadamente 665.000 m², sendo 97.916 m² de área produtiva composta de canteiros, quadras de produção, estufa, estufins, ripado e bancadas de tubetes. Está localizado junto ao Parque CEMUCAM – Centro Municipal de Campismo de São Paulo, inaugurado em 30 de dezembro de 1968.

Este é o único parque municipal fora da cidade de São Paulo, oriundo da permuta de terrenos entre a COHAB e a Prefeitura de São Paulo, na qual a primeira cedeu a área onde foi implantado o CEMUCAM em troca de um terreno de propriedade da prefeitura, localizado em Carapicuíba denominado “Matadouro de



Carapicuíba”. A localização do parque é privilegiada, estando no extremo oeste do município, próximo às áreas de mata da região – Cotia, Ibiúna, Itapeperica da Serra – onde encontram-se espécies características do estado de São Paulo como cedro-rosa, angico, capixingui, jerivá, açoita-cavalo, ingá, dentre outras.

A região possui histórico e vocação de produção vegetal e agrícola de frutas, legumes e verduras, e foi cenário de funcionamento da antiga Cooperativa Agrícola de Cotia – CAC que tinha a maioria de seus cooperados instalados em sítios e fazendas no próprio município e na região.

O viveiro produz na atualidade mais de 170 espécies, utilizadas para arborização de vias públicas, parques, praças, restauração florestal, paisagismo, entre outras no âmbito da floresta urbana, dentre as mais conhecidas estão o ipê-amarelo, ipê-rosa-anão, sibipiruna, o pau-ferro. Há também algumas espécies raras, ameaçadas de extinção como o cambuci, o jacarandá-da-bahia, a peroba-rosa, a aroeira-preta, o guatambu. Possui um programa de produção de mais de 90.000 mudas/ano. As sementes são coletadas pela equipe própria do viveiro e pela Seção Técnica de Pesquisa, resultando um total anual superior a 150 kg e são beneficiadas artesanalmente. Depois de colhidas, beneficiadas e classificadas, são empregadas técnicas de quebra de dormência, que possibilitam a germinação. Em seguida são semeadas e acondicionadas para germinação em estufas, canteiros, estufins ou mesmo diretamente na embalagem previamente preenchida

com o substrato. Ao atingirem 2 a 3 pares de folhas as mudas são transferidas para o galpão de envasamento. É então realizada a retirada (repicagem), seleção e preparo de plântulas, para serem plantadas individualmente em embalagens. As mudas envasadas são transportadas para as áreas de crescimento e condução. São fornecidas em diversos portes e embalagens, inclusive as conduzidas em quadras até portes maiores para transplante.

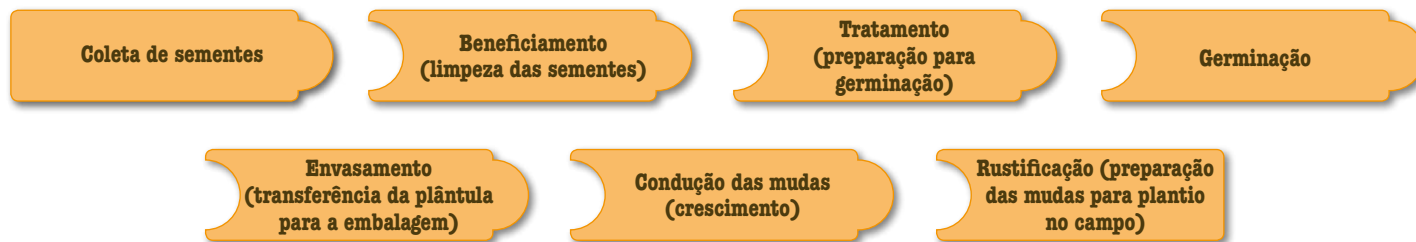




Escavação do torrão de mudas

O trabalho do Viveiro Harry Blossfeld, de um modo geral, funciona como o esquema de produção abaixo:

CICLO DE PRODUÇÃO DE MUDAS: ÁRVORES E PALMEIRAS



Viveiro Arthur Etzel





*Em pé: Gastão Etzel, Antonieta (Fifi) Etzel e Arthur Etzel
Sentados: Antonio Etzel, Eduardo Etzel e Eudóxia Etzel, 1911*

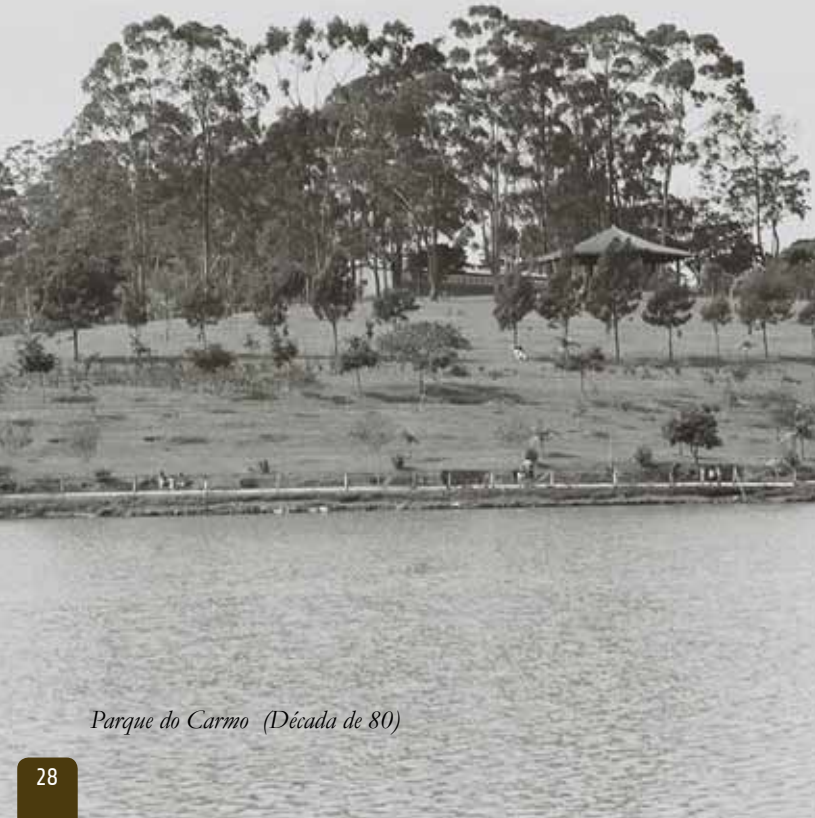


Do parque mais antigo da cidade, atual Parque da Luz, originase uma família obstinada e apaixonada pelo verde de São Paulo. A família Etzel implantou o conceito de verde e meio ambiente nas décadas de 20 e 30, onde o verde era apenas uma questão de ornamentação. Arthur Etzel trabalhou até o fim de sua vida em prol deste ideal, a Secretaria do Verde e Meio Ambiente, como forma de homenageá-lo e mostrar sua gratidão, dá ao Viveiro localizado no Parque do Carmo o seu nome. Um pequeno gesto para simbolizar a grandeza deste homem. Assim, vamos dar início à história do Viveiro Arthur Etzel, localizado no Parque do Carmo, Zona Leste de São Paulo.





No começo, os Carmelitas



O nome Parque do Carmo faz referência ao passado da região, pois relembra personagens que habitaram esta localidade, que fizeram parte da história.

Há cinco séculos, portugueses chegaram ao litoral brasileiro e foram se estabelecendo nas terras habitadas por povos indígenas. O processo de colonização fez a dizimação de diversas sociedades indígenas. Nos séculos XVI e XVII, índios originários de diversas nações faziam parte da população da região paulista.

No período colonial, as terras foram divididas em capitânicas hereditárias e dentro destas havia propriedades menores chamadas sesmarias e uma delas foi a sesmaria de São Miguel de Ururaí, um aldeamento indígena que foi concedido pela Coroa portuguesa em 1580; era um dos núcleos de aldeamento mais antigo em São Paulo de Piratininga. Viviam nestas terras os índios Guaianá, Itaquerú e Caaguaçu.

Itaquera (em tupi-guarani significa pedra dormente) está intimamente ligada à história do aldeamento de São Miguel. Antes da instalação da Ordem dos Carmelitas, a região era frequentada pelos índios de São Miguel e pelos bandeirantes que iam para Minas Gerais em busca do ouro. Itaquera era um simples pouso de viajantes, no caso os bandeirantes.

Parque do Carmo (Década de 80)

Após a expulsão dos jesuítas de São Paulo, em 1640, os aldeamentos do padroado real caem em decadência e São Miguel não consegue se reerguer. Neste período, as terras foram invadidas por terceiros aventureiros, colonos ou religiosos.

No século XII, na Europa, um grupo de homens em peregrinação à Terra Santa se estabeleceram no Monte Carmelo, por causa disto receberam a denominação de carmelitas ou carmelitanos. Os carmelitas chegaram ao Brasil em 1580. No século XVIII, os carmelitas se instalam na Fazenda Caguaçu (Fazenda do Carmo). Por volta de 1722, quando a Província Carmelita Fluminense apropria-se das terras do Caguaçu inicia-se a exploração agrícola e a criação de gado. A fazenda possuía uma área de aproximadamente 1.233,5 alqueires ou 29.851.543m².

Em 1877, parte da Fazenda foi desapropriada para a construção da Estrada de Ferro Central do Brasil. A partir deste momento em que a estrada de ferro lança os seus trilhos em direção ao Rio de Janeiro, Itaquera começa a sair do isolamento a que estava relegada nos séculos XVIII e XIX. Com o crescimento da lavoura cafeeira, o desenvolvimento do sistema de trem foi essencial para o escoamento da mercadoria. Na Fazenda Caguaçu, quase duzentos anos depois da chegada dos carmelitas, as terras

perderam a fertilidade, este foi o motivo pelo qual a fazenda foi dividida em várias glebas* e uma delas foi adquirida pelo coronel Bento Pires de Campos, em 1919. A fazenda passa a ser denominada Fazenda Nossa Senhora do Carmo. Surgiram os primeiros loteamentos na área abrangida pela fazenda: Vila Carmosina e Cidade Líder.

Na década de 20, Itaquera foi elevada à categoria de distrito ou vila e se inicia a colonização japonesa, incentivada pelo coronel Bento Pires, que tinha interesse na formação de pequenas propriedades produtivas com mão-de-obra especializada para fomentar o desenvolvimento agrícola da região.

O coronel contava com a colaboração de John Speers, diretor da Companhia de Trens e do veterinário e engenheiro agrônomo Tsuneshiro Ishibashi, que foi o primeiro imigrante japonês a se instalar na região. Em 1925, sob a denominação de Colônia Nipônica de Itaquera, foi lançado o primeiro loteamento da primeira gleba de 345 alqueires. Esta colônia cria uma infraestrutura aproveitando o solo e diversificando as plantações com hortaliças e frutas, principalmente o pêssego, que resultou na Festa do Pêssego (1ª festa realizada em 1949), que celebrou Itaquera no cenário do Estado e foi pioneira no Brasil como festa agrícola.

* Gleba: solo cultivável/ porção de terra/ propriedade agrícola

Oscar Americano e o Parque do Carmo

Em 1951 o empresário paulista Oscar Americano de Caldas Filho, fundador da Companhia Brasileira de Projetos e Obras, comprou uma gleba da Fazenda do Carmo com 8.135.060,80m². No alto da antiga colina levantou-se uma ampla casa sede – o Casarão, além de outras casas. Oscar Americano passava as férias e os fins de semana na fazenda. Com sua morte em 1974, seus herdeiros passam a negociar com a Prefeitura de São Paulo a venda da fazenda.

A aquisição pela prefeitura ocorreu em 1976, onde a ideia inicial era implantar o parque e transferir o Viveiro Manequinho Lopes do Parque Ibirapuera para esta área, para produção de mudas para toda a cidade. Foi a primeira vez na história que a prefeitura investiu recursos em um área verde tão grande, uma ação muito importante para a zona leste, que possuía poucas áreas verdes para uso da população. Assim o Parque do Carmo é inaugurado no dia 19 de setembro deste ano citado, na administração do prefeito Olavo Setúbal. Na época contava com uma área de 1.549.630m², atualmente possui 2 milhões de metros quadrados com os seguintes equipamentos: lago, Bosque das Cerejeiras, ciclovia,

pista de cooper, playground, campo de futebol, Centro de Educação Ambiental, vegetação com espécies nativas e exóticas, além de abrigar grande variedade da fauna. Resolve-se implantar um novo viveiro no local e de sua localização remonta da época da fazenda, onde havia um estábulo, coxias, baias para cavalos e outras instalações que seriam usadas para colocação de sementes e insumos agrícolas, necessários para a operação do viveiro.

Em meados de 1991, o parque dá início às visitas monitoradas com intuito de trazer conhecimento sobre o parque. A trilha é uma atividade onde a pessoa apanha um folheto na administração do parque, contendo informações sobre o percurso e os pontos de parada, e faz o trajeto sem precisar do auxílio de monitores. O objetivo principal era atingir o público estudantil, além dos usuários frequentes.

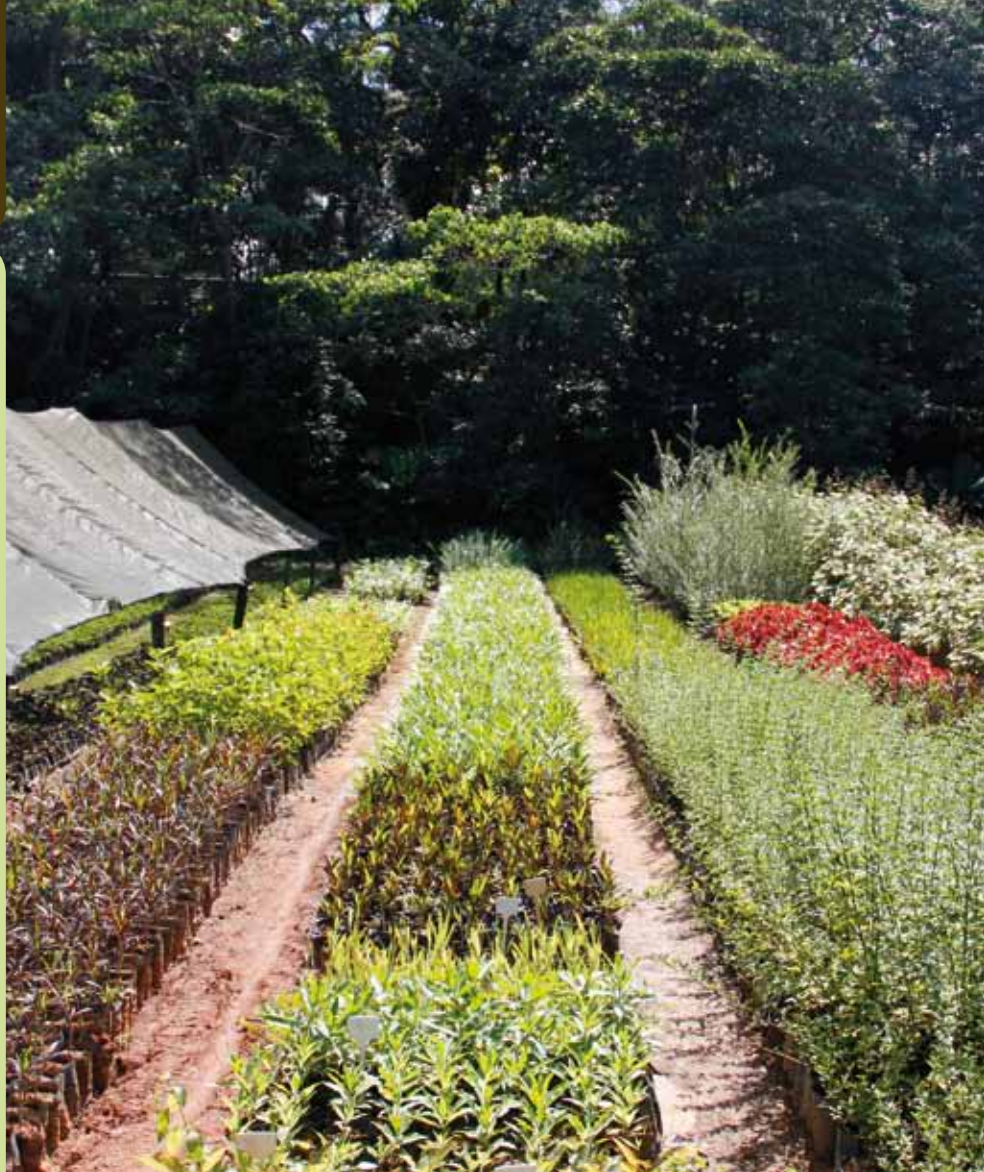
Parque do Carmo
(Década de 80)



Viveiro Arthur Etzel

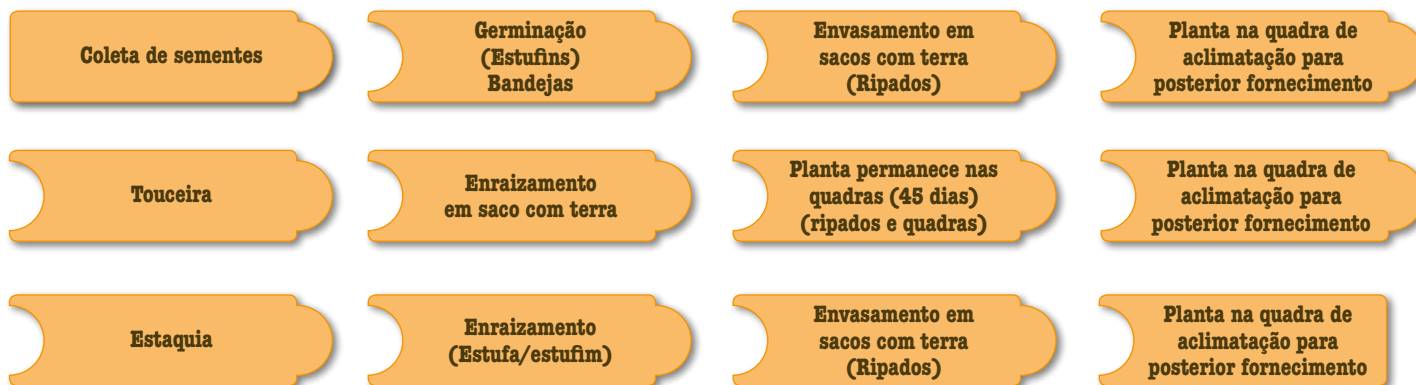
Foi implantado em 1987 com o nome de Viveiro do Carmo. Atualmente conta com uma área de 40.000 m², especializado na produção de plantas ornamentais arbustivas, herbáceas e algumas espécies de palmeiras. A capacidade atual de produção é de cerca de 1.000.000 de mudas anualmente. Visando prestar homenagem e reconhecimento, em 10 de outubro de 2008, sob o decreto nº 50.102, a Prefeitura de São Paulo denomina de Viveiro Arthur Etzel o viveiro localizado no Parque do Carmo.

O Viveiro Arthur Etzel conta com 1 galpão, 2 silos de compostagem, 2 estufas, 48 estufins, 2 ripados e 2 quadras de aclimação. Produz cerca de 73 espécies de arbustivas, 5 espécies de palmeiras e 85 espécies de herbáceas.



O trabalho do viveiro, de um modo geral, funciona como o esquema de produção abaixo:

Ciclo de Produção de Mudas Herbáceas e Arbustivas Nos Viveiros Arthur Etzel e Manequinho Lopes



Os ciclos podem levar de 30 a 90 dias conforme a espécie da planta.

A matriz

Da matriz, pode-se realizar dois processos para obtenção de novas mudas:

- Coleta de semente
- Estaquia e divisão de touceira: da própria planta obtém-se novas mudas através de partes da mesma.

Visita Monitorada

O viveiro mantém serviços de monitoramento para visitação de grupos (estudantes, instituições etc), mediante agendamento prévio, com o objetivo de propiciar, através dos aspectos envolvidos na produção de mudas de plantas, um contato com a natureza em sua diversidade de formas, cores e cheiros.

As trilhas são conduzidas de forma a tornar o passeio bastante instrutivo e agradável. São abordados conceitos ecológicos e diversidade da flora e fauna local. É possível conhecer diferentes formatos de flores, frutos e sementes.

O Viveiro Arthur Etzel possui um diferencial em sua trilha: o Bosque das Frutíferas, onde os visitantes podem ter contato com árvores que produzem jabuticaba, pitanga, arará, cabeludinha, jambolão, cereja-do-rio-grande, amora, laranja, limão, abacate, mexerica, uvaia, ingá, gabirola paulista, cambucá, pêssego, jaca, cambuci, acerola, manga, atemóia, castanha-do-maranhão, palmito açaí, grumixama, goiaba, bacupari.





GALPÃO



ESTUFAS

Temperatura e umidade controlada para germinação de sementes e desenvolvimento de raízes

ESTUFINS

Função: sementeira, multiplicação vegetativa e banco genético





PREPARO DE SUBSTRATO

Enchimento de embalagens para formação de mudas produzidas através de sementes e/ou estacas



BOSQUE DAS ÁRVORES

Árvores frutíferas, a maioria de espécies nativas



QUADRA DE ACLIMATAÇÃO

plantas permanecem a meia-sombra ou em pleno sol até se consolidarem





TELADO

plantas permanecem até a consolidação do sistema radicular na embalagem.

SILOS

Depósito de materiais de origem vegetal e animal, onde passam pelo processo de decomposição para produção de composto orgânico



Arthur Etzel



Arthur Etzel nasceu no dia 30 de setembro de 1889. Com apenas 16 anos, começa a trabalhar no atual Parque da Luz como operário do pai, o administrador Antônio Etzel e aos 19 anos é nomeado ajudante do administrador do parque. Na casa do administrador, Arthur fazia as folhas de pagamento, as plantas dos jardins e praças, os ofícios para o prefeito e era onde distribuía os envelopes com os salários de cada operário.


Com a morte do pai em 1930, Arthur é nomeado administrador dos parques, jardins e cemitérios da cidade onde fica até 1959, ano de sua jubilação, por ter feito 70 anos. Arthur não era engenheiro, tinha feito apenas o ginásio e um curso de desenho no Liceu de Artes e Ofícios e seu cargo de Diretor dos Jardins e Cemitérios pela nova organização municipal deveria ser preenchido por engenheiro. Entretanto, tal era o reconhecimento por seus serviços ao município que o prefeito Antonio Carlos de Assumpção baixou o ato n. 626, de 28/5/1934, equiparando o

ordenado dos engenheiros chefes com este único: “Esse mesmo ordenado passará a ter, e nas mesmas condições, o Diretor dos Jardins e Cemitérios subordinado à Diretoria de Obras e Viação”.

Aos 79 anos de idade, foi nomeado para dirigir o Parque Ibirapuera, quando do início da gestão do prefeito Paulo Maluf. Nesta ocasião lê-se numa notícia de jornal que os operários iam pedir transferência do parque para outro serviço “porque assim não dá, o homem é uma parada”. Às 5 horas da manhã, ia à estação da Luz comprar os jornais (morava na casa da administração da Luz). Trabalhava o dia todo. Aos 81 anos, em pleno Parque Ibirapuera, teve um enfarto do miocárdio e faleceu no Hospital Municipal.

Até sua aposentadoria, ele era o único responsável pela administração dos parques e jardins de São Paulo e com muito afinho e trabalho contribuiu para o desenvolvimento e manutenção de áreas verdes na metrópole. Pelo decreto 16.594, de 31 de março de 1980, o prefeito Reynaldo Egydio de Barros dá o nome de Arthur Etzel a uma rua de um quarteirão junto ao Parque Ibirapuera.





Agapanto
(*Agapanthus africanus*)
origem: África do Sul

Ficha Técnica

Prefeitura do Município de São Paulo

Prefeito Gilberto Kassab

Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente

Secretário Eduardo Jorge Martins Alves Sobrinho

Departamento de Parques e Áreas Verdes

Diretor Mário Roberto De Abreu

Divisão Técnica de Produção e Arborização - DEPAVE 2

Diretor Marcio Amaral Yamamoto

Coordenação Editorial

Renata Cristina Pinheiro Sales

Coordenação de Arte

Sílvia Glueck

Projeto Gráfico

Fábio Lopes

Capa

Luiz Lula

Revisão Geral

Maria Letícia Fungaro

Viveiro Manequinho Lopes

Seção Técnica de Produção e Ajardinamento

Setor Técnico Viveiro Manequinho Lopes

Flávio Monteforte Cassaro

Raquel Keller de Carvalho

Ricardo Fonseca Reis Iunes Elias

Cláudio Gonçalves de Campos

Texto

Raquel Keller de Carvalho

Renata Cristina Pinheiro Sales

Imagens

Secretaria Municipal de Cultura

Departamento do Patrimônio Histórico –

Divisão de Iconografia e Museus

Bibliografia Consultada

ETZEL, Eduardo. Um médico do século XX vivendo transformações. São Paulo: Nobel; Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BARTALINI, Vladimir. Parques Públicos Municipais de São Paulo. A ação da municipalidade no provimento de áreas verdes de recreação. Tese de doutorado realizada junto a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. São Paulo, USP, 1999.

Reportagem - Jornal Pedaco de Vila - 2003.

Reportagem - Jornal O Estado de São Paulo - 1936.

Viveiro Harry Blossfeld

Texto:

Marcio Amaral Yamamoto
Guilherme Brandão do Amaral
Angelica Rodrigues Alves Tinoco
Renata Cristina Pinheiro Sales

Fotos

Angelica Rodrigues Alves Tinoco

Agradecimentos

Dona Anita Blossfeld, que gentilmente concedeu a entrevista
Karen Facciollo, neta de dona Anita que organizou o encontro
Norma Elisandra Lorimier Fernandes (DEPAVE-5/SVMA),
que cedeu material sobre o Parque CEMUCAM

Funcionários do Viveiro Harry Blossfeld

Responsável Técnico

Guilherme Brandão do Amaral

Assistente Administrativo

Angelica Rodrigues Alves Tinoco

Agente Administrativo

Donizete Aparecido do Nascimento

Encarregado de Serviços Gerais

Reginaldo Costa dos Santos

Bibliografia Consultada

Texto sobre a vida do senhor Harry Blossfeld se baseou em entrevista concedida por dona Anita Blossfeld no dia 19 de fevereiro de 2009 à funcionária do DEPAVE 2 Renata Cristina Pinheiro Sales

YAMAMOTO, Marcio Amaral. Produção de mudas arbóreas no viveiro municipal Harry Blossfeld para a floresta urbana da cidade de São Paulo – SP. Trabalho de conclusão de curso: MBA em Gestão Ambiental, Universidade Nove de Julho. São Paulo, 2009

BLOSSFELD, Harry. Jardinagem. Editora Melhoramentos: São Paulo, 1965

Viveiro Arthur Etzel

Fotos de Arthur Etzel

acervo particular da família Etzel gentilmente
cedido para esta publicação

Fotos Viveiro

Luiz Lula
Angélica Rodrigues Alves Tinoco

Fotos Antigas do Carmo

Acervo da Casa Imagem da Divisão Museu
da Cidade de São Paulo /DPH/SMC

Bibliografia Consultada

Arquivo cedido pelo DGD Leste 1

Livro: História dos bairros de São Paulo – Itaquera
Amália Inês Geraiges de Lemos
Maria Cecília França
São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1999.

Livro: Um médico do século XX vivendo transformações
Eduardo Etzel
Nobel/EDUSP – 1987

Trabalho sobre Visita Monitorada ao Viveiro Arthur Etzel
realizado pelas estagiárias Flávia Renata Navarro e Pamela
Cristina Lapini

Texto

Redação e organização: Renata Cristina Pinheiro Sales
Assistente: Janaína Regina Gianini Palma Franck
Revisão: Paulo Forghieri / Marcio Amaral Yamamoto

Funcionários Viveiro Arthur Etzel

Administrativo

Maria Aparecida dos Santos
Durval Camilo Filho

Responsável Técnico

Engenheiro Agrônomo Paulo Forghieri
Encarregado Elton Ferreira Filho

VIVEIRO MANEQUINHO LOPES

Av. IV Centenário, Portão 7A - Parque Ibirapuera
Tel: (11) 3887-6761 | 2ª a 6ª feira, das 7 às 16 horas

VIVEIRO HARRY BLOSSFELD

Rua Mesopotâmia s/nº - Rodovia Raposo Tavares, km 25 - Parque Cemucam
Tel: (11) 4702-4395 | 2ª a 6ª feira, das 7 às 16 horas

VIVEIRO ARTHUR ETZEL

Av. Afonso de Sampaio Souza nº 951 - Parque do Carmo
Tel: (11) 2742-8833 | 2ª a 6ª feira, das 7 às 16 horas

São Paulo, 2012



DEPAVE-2
Divisão Técnica de
Produção e Arborização



Prefeitura de São Paulo
Secretaria do Verde e do Meio Ambiente